

“AQUELES VAGOS HORIZONTES UBERABENSES”: METÁFORAS DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA NO ROMANCE *A FILHA DO FAZENDEIRO*, DE BERNARDO GUIMARÃES

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro¹

RESUMO: Este artigo objetiva uma leitura crítica do romance *A filha do fazendeiro*, publicado inicialmente em 1872, do escritor Bernardo Guimarães (1825-1884), a partir das teorias pós-colonialistas, uma vez que estas teorias possibilitam a exposição de temas sociais, políticos e econômicos que marcaram profundamente a formação de nosso país em um período muito crítico: o fim do colonialismo e o início do processo de industrialização. Ainda mais contundente torna-se essa leitura ao trazermos uma obra que tematiza elementos muito próprios da escrita regionalista brasileira. Este trabalho se justifica pelo fato de que a literatura produzida por um autor como Bernardo Guimarães, tido por muitos críticos como escritor regionalista, pode firmar-se como meio para entendermos os rumos da Literatura Brasileira e da postura das elites em relação à constituição nacional. O referencial teórico pauta-se em estudos que versam sobre teorias pós-colonialistas, especificamente os estudos de Patrick Brantlinger (2013) e Thomas Bonnici (2003, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo brasileiro; romance regionalista; teorias pós-colonialistas.

ABSTRACT: This article aims a critical reading of the novel *A filha do fazendeiro*, published initially in 1872, by the writer Bernardo Guimarães, starting from the postcolonialists' theories once these same theories allow an exhibition of social, political and economic themes that marked deeply our country's formation in a very critical moment: the end of colonialism and the beginning of the industrialization process. In addition, this reading turns out to be more imperative when a literary work consists of many own elements of brazilian regionalist writing. This work is based on the fact that the literature produced by an author like Bernardo Guimarães, regarded by many critics as a regionalist writer, we may infer as a manner not only to understand the Brazilian literature's paths and the elite's behavior compared to the national constitution. The theoretical basis grounds on the studies that verse about postcolonialists' theories, especially in Patrick Brantlinger's insights (2013) and Thomas Bonnici (2003, 2012).

KEYWORDS: Brazilian romanticism; regionalist novel; postcolonialist theories.

O caráter melancólico e apaixonado de Paulina, a solidão plácida, porém monótona e triste em que vivia, sua imaginação viva inflamada pelos raios daqueles vagos horizontes uberabenses, cujas linhas se perdem indecisas por longes fumacentos, tudo contribuía para que suas impressões fossem vivas e enérgicas, seus sentimentos profundos e cheios de paixão.
(Bernardo Guimarães, *A Filha do Fazendeiro*, 1976)

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, onde também atua como Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Pesquisadora do grupo Estudos do Gótico (CNPq). E-mail: fabiana_bellizzi@yahoo.com.br. Link de acesso ao lattes: <http://lattes.cnpq.br/2169923665930283>

Breves notas introdutórias

Embora o compromisso unilateral com a realidade não seja condição *sine qua non* da arte, e em especial da arte literária, cabe reconhecer que impregnada de figuras de linguagens, símbolos e metáforas, a literatura acaba por tangenciar fatos que ocorrem em nossas sociedades. O artista pode, através da construção de alegorias, interpretar uma sociedade, simbolizar a experiência humana ou até mesmo narrar uma nação, mesmo porque as nações são “[...] construtos imaginários que dependem, para sua existência, de um aparato de ficções culturais, no qual a imaginação literária joga um papel decisivo” (BRENNAN, *apud* IANNI, 1999, p.16), e aqui creditamos à escola literária indianista-romântica brasileira decisivo protagonismo no que se refere à exaltação da incipiente nação brasileira.

É durante o Romantismo que a Literatura Brasileira passa a exprimir aspectos originais de sua sociedade, afinal o presente que se abria trazia uma produção literária singular e instigante, ao mesclar o Romantismo europeu; de onde nosso Romantismo se origina, aos movimentos locais e autênticos que ocorriam no Brasil (CANDIDO, 2006). Localmente, vivíamos um sentimento de nação ainda não experimentado em outras fases da História do Brasil. Não à toa que o sentimento de nacionalismo encontra expressão no Romantismo, principalmente em seus primeiros anos, pois, descrever paisagens e fatos carregados de sentido nacional era, sob certo viés, libertar-se da literatura preestabelecida em nosso país. Aos autores brasileiros não faltou material para inspirá-los a escreverem narrativas que traziam muito da acepção e elementos da nação que se firmava. Bastante representativas, nesse sentido, são as narrativas de Bernardo Guimarães, autor que traz uma escrita marcada pela cultura popular, com falares e costumes muito próprios de uma região distante das capitais: o sertão mineiro.

No entanto, ao cotejarmos uma análise mais aprofundada, notamos que embora nossa produção romântica começasse a desatar os nós que nos prendiam à literatura portuguesa, ainda reproduzíamos o *zeitgeist* metropolitano, ou seja, o discurso literário perpetuava a manipulação colonial e a “imitação servil de padrões europeus” (BONNICI, 2012, p.17). Em minhas pesquisas sobre o gótico colonialista na literatura regional produzida no século XIX brasileiro (CARNEIRO, 2019) atesto que, mesmo vivenciando o ocaso do sistema colonialista com conseqüente ascensão do sistema republicano, as marcas do imperialismo se faziam pungentes na cultura, língua, nos discursos e até na consciência de milhares de pessoas através de

“[...]cicatrices profundas causadas pela alteridade dentro do pretexto da hegemonia cultural europeia” (BONNICI, 2012, p.11).

Destarte, esse trabalho se justifica pelo fato de que, ao enveredarmos por diferentes leituras do texto literário, podemos descortinar importantes questões sociais que permearam a história de nosso país, e no caso deste trabalho, nossa história colonial. Portanto, objetiva-se uma leitura do romance *A filha do fazendeiro* à luz das teorias pós-colonialistas de forma que se possa perseguir a seguinte hipótese: assim como os nativos colonizados eram vistos como a “diferença” pela ortodoxia europeia, também a narrativa em análise intercepta as estratégias de colonização ao relacionar certas personagens à alteridade e objetificação.

O referencial teórico-metodológico adotado neste trabalho é, conforme se adiantou acima, sustentado pela teoria pós-colonialista de Thomas Bonnici (2003, 2012), além de outros autores que serão referenciados ao longo do artigo.

1. Pressupostos teóricos e analíticos

O século XVIII europeu experienciou as primeiras letras da escola realista, ao passo que no Brasil nossos escritores ainda depuravam suas primeiras produções do romance romântico, quando, a partir de 1860, “[...] a produção novelística se intensifica e amplia no Brasil graças, principalmente, ao trabalho e exemplo de José de Alencar, logo reforçado em plano modesto por Bernardo Guimarães” (CANDIDO, 2006, p.527).

Considerando o hiato entre a produção romântica europeia e a produção brasileira, nossos escritores (assim como Walter Scott, Victor Hugo ou Alexandre Herculano, que trouxeram para o romance histórico europeu o passado medieval de forma a fundamentarem a história de seus países) apresentaram obras que resgataram a individualidade nacional – e no nosso caso isso coube, em nossa incipiente produção, aos elementos nativos. Tal foi o protagonismo dado ao nativo em nossas primeiras produções romanescas, que somente no Brasil atestou-se o indianismo enquanto traço distintivo literário (RICARDO, 1986), antes mesmo da total adesão ao Romantismo. Nesse ponto destacamos o trabalho do escritor José de Alencar, que creditou ao silvícola brasileiro a própria alma de toda nação brasileira, dotado sempre das mais nobres qualidades e em oposição ao homem europeu: ganancioso, arrogante e inescrupuloso.

Entretanto, embora estivéssemos a vivenciar os primeiros acordes do romance romântico, o romance regionalista explorou caminhos de nuance realista, o que em parte pode ser explicado porque “[...] a proximidade física e temporal dos sertões e dos sertanejos (não se podendo excluir a possibilidade de o leitor ter travado conhecimento com eles) exigiu do romancista grande acuidade na sua observação e fidelidade na sua representação literária” (CANDIDO, 1981, p.116). Vemos, em vários romances regionalistas, que a descrição do ambiente por vezes se amalgama às questões emocionais e composicionais das personagens, e aqui ressaltamos a produção romanesca regionalista liderada por Bernardo Guimarães, considerado por José Aderaldo Castello (s/d), o criador do romance regionalista no Brasil:

A exemplo do romance urbano, o regionalista visa desenvolver a análise social e cultural do país, o que não o impede, de outro modo, de funcionar como depositário de um amplo retrato da Natureza brasileira, aproximando-se, nesse sentido, do romance histórico-indianista. (VOLOBUEF, 1999, p.187)

Se essa assertiva de que a tendência realista se registra, de fato, nos romances românticos regionalistas, considerando-se, primordialmente, os relatos colhidos pelos romancistas e tão bem detalhados e trabalhados nas produções regionais, devemos propor uma análise mais profunda quando se afirma que o romance regionalista procura ser real. Isso não quer dizer que se torne *realista*, uma vez que a distinção entre um e outro depende, dentre outros fatores, da formação do romancista, do processo de desenvolvimento do material colhido da realidade, e, obviamente, das tendências próprias de cada escola (CASTELLO, s/d, p.47). Não se pode negar que Bernardo Guimarães foi fiel em suas narrativas ao descrever a “alma” mineira mesclada à aspereza e problemas autênticos da região, o interior de Minas Gerais, que vivenciava pungente atividade extrativista. A autenticidade do autor faz com que as narrativas ultrapassem o simples quadro físico ao sublinhar o retrato físico e psicológico de personagens. A respeito da composição de personagens na obra de Bernardo Guimarães, observa Candido (2006, p.551) que

Os seus livros começam por uma situação de equilíbrio e bonança, definida principalmente pela descrição eufórica da paisagem em que se vai desenrolar a ação; a partir daí, procura surpreender no personagem o nascimento da paixão, cujo percurso e estouro descreverá, mostrando que a euforia inicial é como a placidez aparente do sertão e do sertanejo.

É o que podemos notar no romance *A filha do fazendeiro*, publicado inicialmente em 1872. De forma resumida, temos a história de um triângulo amoroso formado por Paulina, Eduardo e Roberto. Paulina, órfã de mãe, reside com seu pai em uma fazenda no interior de

Uberaba. A chegada de Eduardo, morador da cidade, desajusta o *modus operandi* do local. Em seus primeiros dias na fazenda, Eduardo salva Paulina da investida de uma onça, porém é brutalmente atacado pelo animal. Paulina e seu pai acolhem o viajante e a ele prestam todos os cuidados necessários a uma pessoa convalescente. Aos poucos, surge um forte sentimento entre o casal, porém alguns obstáculos impedem que o amor se concretize: Eduardo estava noivo de uma moça em sua cidade, e Paulina prometida ao seu primo Roberto. O forasteiro, ao retornar à Uberaba, tem conhecimento de que sua noiva havia se casado com outro homem, ao passo que Paulina, sentindo saudades de Eduardo, cai em febre com fortes delírios e alucinações, bem ao gosto da estética romântica. Eduardo resolve voltar para a fazenda afim de resgatar o amor de Paulina, porém na condição de Roberto desistir de se casar com a moça. Forma-se um imbróglio uma vez que Roberto não arrefece e Eduardo não se sente confortável em interferir, ainda que indiretamente, no combinado entre as famílias. Diante desse impasse e vendo que Paulina preferia Eduardo, Roberto atenta contra a própria vida. Paulina tem uma piora em seu estado de saúde e vem a óbito. Eduardo, então, deixa a fazenda após a tragédia consumada.

Corroborando as observações de Candido (2006), percebemos em *A filha do fazendeiro* que a calma inicial é delineada logo nas primeiras passagens do texto:

A cinco ou seis léguas ao norte da cidade de Uberaba na província de Minas Gerais se via ainda há alguns anos uma capelinha isolada ou ermida no alto de um espigão, dominado por todos os lados um largo e risonho horizonte como atalaia imóvel olhando em derredor as solidões. (GUIMARÃES, 1976, p.15)

Após tecer longos parágrafos descrevendo a ambientação de forma minuciosa e numa perspectiva mimética – rios, vegetação, árvores e plantas específicas da região, o narrador, em ritmo dos contadores de casos, “convida” o leitor a adentrar em um plano menos idílico da narrativa, sinalizando que ocorrências não tão plácidas estariam a irromper: “Se o leitor deseja saber que acontecimentos deram lugar ao abandono daquela linda fazenda, e qual o mistério que encerram aquela sepultura e aquela capelinha, leia a seguinte história [...]” (GUIMARÃES, 1976, p.17).

O projeto romântico que vigorava entre os escritores brasileiros era o de implementar uma escrita genuína, que trouxesse elementos locais e revestisse a Natureza de pujança e grandiosidade. Nesse ponto destacamos a escrita de Bernardo Guimarães, que não se furta de retratar a realidade do interior em seus pormenores ao convidar o leitor a “[...] encarar sua terra natal com outros olhos: de quem conhece, aprecia e, mais do que isso, admira” (VOLOBUEF,

1999, p.229), bem como ainda consegue imiscuir a esse projeto aspectos emocionais de suas personagens:

Em Bernardo Guimarães – grande afeito às descrições da Natureza em geral – também se vê a paisagem impregnando o indivíduo. Além de descrições simples, [...], há ainda momentos em que, através da transfiguração em Natureza, o personagem recebe a mesma auréola de grandeza que caberia àquela (VOLOBUEF, 1999, p. 236)

Essa “transfiguração” ratifica-se no romance *A filha do fazendeiro* no momento em que o arco narrativo captura as descrições “[...] vívidas e fiéis da paisagem uberabense, tão conhecida e amada do escriptor [sic] mineiro” (MAGALHÃES, 1926, p.173), e compõe as personagens: Paulina, que “[...] além das perfeições que recebera da natureza, [...] tinha tido uma educação acurada e a mais completa que naqueles tempos em nosso país se podia dar a uma menina” (GUIMARÃES, 1976, p.20); Eduardo, o cavaleiro que rompe da mata para salvar Paulina do ataque da onça; e o primo Roberto, descrito como um rapaz forte, porém “bruto, bobo e palerma” (GUIMARÃES, 1976, p.37).

Embora coadunando-se à proposta romântica de soldar os aspectos idílicos à braveza dos moradores do sertão mineiro, uma segunda leitura descortina uma problemática muito própria dos povos colonizados, e aqui utilizamos como chave de entrada para perscrutarmos questões de cunho social presentes na obra de Guimarães, as teorias pós-colonialistas, uma vez que “Desde sua sistematização nos anos 1970, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como ‘selvagens’, ‘primitivos’ e ‘incultos’ pelo imperialismo [...]” (BONNICI, 2012, p.21, grifos do autor).

Indubitavelmente, Bernardo Guimarães não intencionava relacionar o homem do interior à rudeza ou à barbaridade com as quais o imperialismo atacava suas colônias, até porque o escritor imprimia em seus textos o desiderato de “[...] narrar sadiamente, com simplicidade, o fruto de uma pitoresca experiência humana e artística” (CANDIDO, 2006, p.549). Entretanto, ao aplicarmos as teorias pós-colonialistas na leitura da narrativa *A filha do fazendeiro*, podemos notar que a obra consolida determinados valores sociais muito propagados no século XIX – valores que, sob certo viés, tangenciam a relação forçada que o europeu colonizador estabeleceu em suas colônias, afinal “Gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual [...]; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres” (BONICCI, 2003, p. 205, grifos do autor). Tal relação entre o “sujeito” colonizador e o “objeto” colonizado (BONICCI, 2003), levada a cabo por toda horda de exploradores que iniciam caminho rumo ao interior do Brasil, se alastra do litoral para

províncias mineiras e goianas, que no período vivenciavam a exploração da agricultura e pecuária.

Em *A filha do fazendeiro*, a composição da personagem Paulina personifica a natureza bela e perfeita – reforçando o projeto nacionalista do Romantismo, porém sem deixar de patentear os *construtos* que se esperavam das mulheres do século XIX, criadas em fazendas sob a austera vigilância dos pais e irmãos:

[...] Paulina tinha tido uma educação acurada e a mais completa que naqueles tempos em nosso país se podia dar a uma menina. Ainda em tenros anos tinha sido enviada para um colégio em S. João Del-Rei, onde a gentil sertaneja recebeu com muito aproveitamento lições de leitura, música, dança, e aprendeu as maneiras de uma sociedade um pouco mais polida do que era a da Uberaba naqueles tempos. (GUIMARÃES, 1976, p.20)

Há que se ressaltar, também, que nas sociedades exploradas, a colonização pesou de forma ainda mais intensa para as mulheres, estando estas sempre à serviço dos homens e relegadas aos afazeres domésticos, ao silêncio, à escravidão e até mesmo à prostituição, e aqui destacamos as sociedades coloniais do interior de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro, que vivenciaram intensamente as agruras do sistema extrativista. No caso específico do romance *A filha do fazendeiro*, a ação se passa em Uberaba, região que congregava número considerável de fazendas entre os séculos XVIII e XIX. Nessas, as chances de ascensão feminina eram ainda mais irrisórias até mesmo por conta de questões geográficas. Os pequenos povoados e cidades embrionárias que cresciam no entorno dessas fazendas ainda não permitiam participação feminina. Conforme pontualmente resalta Luciano Figueiredo em “Mulheres nas Minas Gerais” (2001, p.142), o lugar das mulheres mineiras do período começa na negação,

[...] que parece ter sido a característica central na vida dessas mulheres. Estiveram nas Minas excluídas de qualquer exercício de função política nas câmaras municipais, na administração eclesiástica, proibidas de ocupar cargos da administração colonial que lhes garantissem reconhecimento social. Os papéis sexuais na colônia reproduziam o que se conhecia na metrópole.

À Paulina não caberia nada mais que “[...] o cuidado de um pequeno e lindo jardim, alguns livros e seus trabalhos de agulha, bastavam para encher-lhe agradavelmente o tempo” (GUIMARÃES, 1976, p.21). Lida à luz das teorias pós-coloniais, podemos inferir que Paulina metaforizava a passividade que se esperava não apenas das mulheres colonizadas, mas em uma perspectiva ampliada, da própria colônia como um todo.

Entretanto, a chegada de Eduardo oferece um contraponto à narrativa ao desestabilizar a ordem proposta em uma sociedade baseada em casamentos arranjados e negociados entre

famílias. Ademais, assim como o europeu colonizador, que ao chegar em terras exploradas se coloca em posição de supremacia, a descrição de Eduardo segue tais parâmetros ao ressaltar as qualidades do rapaz egresso da capital:

Eduardo, – assim se chamava o caçador ferido – era um moço natural da Vila Franca na província de S. Paulo, alto, bem feito, e de fisionomia agradável e simpática, onde transluziam os dotes de sua alma nobre e bem formada. Era muladeiro; ia todos os anos à feira de Sorocaba ou Curitiba, a comprar bestas, que vendia pelas províncias de S. Paulo, Minas e Goiás. Andava então no giro de seu negócio, e tinha inverno na sua mulada na fazenda vizinha, pertencente a um primo do pai de Paulina. (GUIMARÃES, 1976, p.31)

A crítica literária pós-colonial foca na prática discursiva literária de uma maneira que, ao abranger cultura e literatura, o faz de forma a desnudar os efeitos da dominação europeia e como tal se revela na produção literária colonial. Por uma via ou outra, a crítica exalta a relação de poder e a presença de uma ideologia (ainda que subjacente aos textos literários) que consiste em impor a civilização europeia às colônias, o que em parte explica a presença do patriarcalismo e a exclusividade sexista nas narrativas brasileiras do período, uma vez que a lógica do colonialismo “[...] gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso *centro* cria a sua *periferia*” (BONNICI, 2003, p.212, grifos do autor).

No romance em análise, Eduardo outorga o posto de “centro” em uma escala hierárquica onde a masculinidade era fixada pela superioridade moral do colonizador, metaforizando, uma vez mais, a lógica estrutural do colonizador sobre o colonizado. Ainda mais candente tornam-se tais observações ao analisarmos a composição de Roberto, o primo de Paulina que morava em uma fazenda próxima e a quem a moça estava prometida pelo matrimônio:

Que pedaço de bruto não é o tal senhor primo Roberto! ficou pensando consigo Eduardo, apenas os três se retiraram. – Pelo que vejo tem paixão pela prima, e quer me parecer que o paspalhão começa a coçar a canela por minha causa. Forte bobo! e entrar nos cascos de um tal palerma ser o amante de uma menina tão meigazinha, tão delicada!... Entretanto, se eu não tivesse o coração tão cheio de amor, tão ocupado com a imagem da minha Lucinda, teria de amar por força esta menina. Tão meiga, tão formosa, disputada a uma fera quase à custa da minha vida!... ah! parece que o céu a tinha destinado para mim!... é estranho encontrar-se nestes sertões uma criaturinha tão mimosa, tão perfeita. Ah! senhor Roberto! senhor Roberto! dê parabéns à sua fortuna de eu já ter empenhado o meu coração e a minha palavra, quando não impreterivelmente o tirava do lance, e então é que lhe havia de amargar a boca! (GUIMARÃES, 1976, p.37)

Eduardo, lido como “centro” e Roberto como a “periferia”, reconstroem a polarização extrema entre colonizador e colonizado, despontando o colonizador como um sujeito soberano,

como a “encarnação metafórica do império” (BRANTLINGER, 2013, p178-180), conforme podemos atestar no excerto abaixo:

Roberto era um sertanejo de grosseira educação, de gênio áspero, e asselvajado na superfície, posto que no fundo não tivesse má índole. Com tais predicados bem se vê, que era impossível ser agradável aos olhos da delicada e sensível Paulina. Posto que bem apessoado e mesmo bonito, a crosta de rudeza que o revestia, tornava impossível qualquer simpatia entre dois caracteres talhados por moldes tão diferentes. (GUIMARÃES, 1976, p.32)

O pesquisador inglês Patrick Brantlinger (2013) coteja a forma como as narrativas, inseridas no contexto do imperialismo britânico, expressam as ansiedades do homem europeu em contato com o *outro* colonizado e “não-civilizado” – aos olhos da ortodoxia britânica. O autor perscruta enredos em que personagens alegorizam uma espécie de movimento regressivo da civilização, ou seja, narrativas em que o progresso britânico corria o risco de sofrer um retrocesso devido à presença de bárbaros e selvagens nativos no espaço tomado e explorado pela supremacia britânica, em uma relação colonial binária sempre marcada pela ideologia colonialista.

Dentro de certos parâmetros, também na narrativa de Bernardo Guimarães (1976) em análise, essas demarcações binárias centro *versus* periferia; culto *versus* inculto; colonizador *versus* colonizado; patriarcalismo *versus* feminismo; metrópole *versus* colônia; nobreza de caráter *versus* brutalidade; os “da terra” *versus* “os forasteiros”, se apresentam nas personagens metaforizando a própria história do Brasil colonial. Eduardo, por exemplo, semiotiza o sistema “[...] pelo qual o sujeito colonizado forma a sua identidade como dependente ou outro” (BONNICI, p.211), ao passo que ao “outro colonizado” – e aqui inserimos a personagem Roberto, são formados discursos que encetam a visão que a metrópole depositava sobre os moradores das colônias, tidos como primitivos, selvagens, rudes e atrasados.

Atesta-se, portanto, que assim como a crítica pós-colonialista conseguiu esmiuçar o discurso imperial e opressor que atrelava os nativos ao primitivismo, vemos que em nossa produção sertanista também podemos inferir um tipo de construção que – guardadas as devidas especificidades – atrela os sertanistas às veleidades do litoral. A começar pela própria descrição do espaço do sertão, que em muitos casos, corrobora para essa visão de um espaço contrastante em relação ao progresso da cidade. Muitas vezes estruturado como espaço das longas distâncias, do desconhecido, do inacabado, do atrasado ou do rústico, o sertão do Brasil é visto em contraste com o litoral em seus aspectos culturais e sociais – algo que se construiu desde a chegada das naus portuguesas no Brasil e se perpetuou ao longo de nossa história, uma vez que

o referencial, à época, era concebido a partir do ponto de vista da supremacia europeia, que avistava, de seus navios, o litoral como sendo “o outro lugar” ou “o lugar do outro”.

Há uma passagem, em *A filha do fazendeiro*, em que a descrição do local se alinha à essa ideia do sertão enquanto local do desconhecido:

Estava uma linda tarde, vaporenta e melancólica, como só as há naquelas descampadas e formosas regiões uberabenses. Como era tempo da queima dos campos, a fumaça das queimadas embaciando os horizontes dava-lhes formas e coloridos vagos e fantásticos. O ar estava morno, imóvel e embalsamado. Em frente da casa se desenrolava mágico e sublime o panorama das solidões sem-fim numa sucessão interminável de plainos, florestas, colinas e espigões, cujas formas iam morrer indecisas ao longe engolfadas nas ondas de um vapor dourado. O arpejo tão lânguido, tão cadenciado do sabiá harmonizava-se docemente com aquele místico e voluptuoso remanso, que envolvia toda a natureza. Também cantava ao longe o boiadeiro que vinha tocando as manadas para os currais, e o chiado monótono dos carros, que cortavam os chapadões carregados de fartas colheitas.

Em um ângulo do vasto curral que ficava na frente da casa, havia uma dessas gameleiras colossais, como as há em quase todos os currais das fazendas daquele sertão, e que podem abrigar debaixo de sua gigantesca cúpula uma numerosa manada de gado, de tronco nodoso e cheio de fendas e cavidades, em qualquer das quais um homem se abrigaria comodamente do mais violento temporal. Servem ao mesmo tempo de aprisco para o gado, e de cobertura, onde se guardam carros, cangas e mais arreios de carreação. (GUIMARÃES, 1976, p.52-53)

Na narrativa de Bernardo Guimarães (1976), vemos que as descrições do espaço e composições de personagens, enredo e narradores confluem na direção do projeto romântico que ganhava adesões no Brasil oitocentista, a saber: prover as histórias de nacionalidade, de coisas da terra e do apego aos aspectos genuínos de uma nação que se firmava independente. Sob este viés, o narrador depositaria em Roberto, por exemplo, as qualidades do homem do sertão: “Roberto, pois, que tinha o coração quente, mas a cabeça fraca e a índole estouvada, não gostou nada de ver a terna e assídua solicitude com que Paulina e seu pai tratavam do caçador ferido” (GUIMARÃES, 1976, p.46). No entanto, ao analisarmos a narrativa à luz das teorias pós-colonialistas, destacamos um paradoxo. Se por um lado os artistas alimentavam suas narrativas com a cor local, por outro o que temos é a reprodução do discurso etnocêntrico que sempre legitimou o controle europeu sobre suas colônias através do estabelecimento de construções negativas: “A esperteza, o ócio, a irracionalidade, a rudeza, a sensualidade, a crueldade, entre outros, formam esse *constructo*, em oposição a outro *constructo*, positivo e superior (racional, democrático, progressivo, civilizado, etc)” [...] (BONNICI, 2003, p.207, grifos do autor).

Subtraímos, das considerações feitas até o momento, que as vias analíticas exploradas pela teoria pós-colonial nos permitem desconstruir um discurso pernicioso reproduzido nas narrativas românticas e muito imantado à hegemonia europeia. Em termos de comparação, poderíamos realizar uma leitura dos elementos narratológicos presentes no romance *A filha do fazendeiro* antes e após aplicação da teoria pós-colonial (ver Tabela 1).

Tabela 1 – *A Filha do Fazendeiro* lida antes e após teorias pós-colonialistas

	Composição das personagens	Enredo	Espaço
A filha do fazendeiro lida sem aplicação das teorias pós-colonialistas	Mulheres doces e recatadas, à espera do verdadeiro amor. A beleza de Paulina amalgama-se à beleza das paisagens do interior de Minas Gerais, ou seja, sua beleza representaria a beleza local. Entretanto, a doçura de Paulina contrasta com a rudeza de seu primo Roberto, a ela prometido em casamento. A brutalidade do rapaz representa as “coisas da terra”: ainda que impetuoso, Roberto é desenhado com inteireza de caráter e honestidade. Eduardo, o primo egresso da cidade, é tido como rapaz de bons modos, fineza no tratamento e cumpridor da palavra – algo que à época se esperava dos “homens da cidade”, que haviam recebido formação metropolitana. Ademais, se o propósito era buscar elementos que pudessem amalgamar o desejo de nação livre, seria perfeitamente plausível que a fala do narrador compactuasse com isso.	Ressaltando a temática romântica, o enredo de <i>A Filha do fazendeiro</i> gira em torno de desencontros amorosos. Ressalta-se que o Brasil ainda não adquirira plena autonomia no cenário cultural e artístico, embora já se elegessem determinados elementos nativos como forma de valorizar uma produção própria, ainda que incipiente.	O espaço, em <i>A Filha do Fazendeiro</i> , (como é próprio do Romantismo) traz o sentimento da natureza muito latente na descrição das paisagens. O isolamento do cenário evoca sentimentos saudosistas, além de associar experiências afetivas das personagens às experiências locais: as personagens “sentem” a natureza e em algumas situações a incorporam.

	<p>Na obra em análise, o narrador – ainda que retrate a rudeza de Roberto, por exemplo, o faz ressaltando sua nobreza de caráter. Ao longo da narrativa, temos um narrador homodiegético que ratifica as ações das personagens, confirmando, novamente, o projeto romântico de dotar o Brasil de “brasilidade”.</p>		
	<p>Composição das personagens Enredo Espaço</p>		
<p>A filha do fazendeiro lida após aplicação das teorias colonialistas</p>	<p>A metáfora da exploração colonial se faz muito presente na composição das personagens. Eduardo pode ser lido como o sujeito hegemônico europeu, ao passo que Roberto seria o “objeto” marginalizado em sua rudeza e modos bárbaros, ou seja, o homem “não-branco” e “não-europeu”. Paulina, que representa a voz feminina, mostra-se dependente de seu pai, somente podendo cortar os laços paternos após o casamento. Sua objetificação mostra a própria degradação das sociedades sob o jugo do colonialismo.</p>	<p>Podemos ler a narrativa construída a partir da ideologia dominante: Eduardo, ao mesmo tempo em que “supervisiona” o nativo Roberto, tenta dominar e ter para si Paulina, que nas entrelinhas oferece a leitura de a própria terra sendo dominada.</p>	<p>A fazenda se torna um microcosmo do espaço primitivo e selvagem, aos olhos da ortodoxia europeia, a ser explorado pelo homem europeu em terras colonizadas. A fazenda, situada em paragem distante, pode ser relida como a visão que o colonizador tinha do continente americano e que se alastra para nosso interior, quando o homem citadino vê o sertão como local distante, primitivo e selvagem.</p>

Fonte: A Autora, 2019.

Muitos artistas românticos brasileiros do período seguiram os valores preconizados nas narrativas românticas europeias ao darem primazia ao sofrimento humano, ao desejo de fuga e ao associarem o sentimento amoroso à ideia de morte. Bernardo Guimarães pontua essas características, de forma contundente, na personagem Paulina. Ao ver que Eduardo retornara para a cidade (após se recuperar do ataque da onça), o narrador assim descreve a angústia da moça: “Da janela de seu quarto ela viu Eduardo sumir-se além das últimas colinas. Nesse momento os ouvidos lhe zuniram, e seus olhos se escureceram. Pareceu-lhe que o túmulo a devorava em vida, e que sua alma se afogava nas trevas da noite eterna” (GUIMARÃES, 1976, p.66). Ademais, do desenrolar da narrativa ao seu ápice, atestamos a presença da estética romântica impregnada nas ações das personagens, aguçando dessa forma um senso de individualismo e solidão, porém irmanado à uma visão mais realista e objetiva dos fatos. Aqui vale reproduzir uma passagem em que Paulina, acamada por conta de “dores do amor”, é refutada pelo padre que, ao examiná-la, atesta possíveis irregularidades em sua saúde:

O médico que viera com Roberto, era um padre. Era muito comum naqueles sertões, onde havia quase absoluta falta de médicos profissionais, os padres exercerem também a medicina, sendo a um tempo médicos da alma e do corpo, reunindo em si dois sacerdócios.

Bom ! – disse consigo Paulina, quando soube dessa particularidade; eu creio que hei de precisar mais do padre do que do médico.

O médico foi logo introduzido no quarto da doente, onde se demorou cerca de um quarto de hora.

– Não há de ser nada, senhor Ribeiro, – disse ele saindo; – a menina teve e tem ainda uma forte febre maligna complicada com alguma irregularidade nas funções uterinas. Com as aplicações e o regime, que vou prescrever, não corre risco algum, e em breve estará sã. (GUIMARÃES, 1976, p.112-113)

O diagnóstico do padre contraria a acepção romântica que vislumbrava a morte como salvação das angústias da alma. Para os românticos mais fervorosos, Paulina encontrava-se doente como consequência de um amor não consumado. O padre, entretanto, tem uma visão mais realista dos fatos ao atribuir à apatia de Paulina problemas de ordem fisiológica. Reforçamos, uma vez mais, esse tipo de construção que consegue tonalizar a tendência realista no Romantismo – uma característica constante em romances regionalistas das últimas décadas do século XVIII. Bernardo Guimarães, particularmente, captou a lógica do sertão mineiro e levou-a às suas narrativas alinhavando-a com o

[...] tumulto sentimental que parecia, no Romantismo, indispensável à nobreza e expressividade da literatura. Ancorando-o na terra e na verossimilhança, acentuados traços daquele realismo inseparável da ficção romântica,

sobretudo a nossa, e mais tarde desenvolvidos pelo Naturalismo. (CANDIDO, 2006, p. 551)

Podemos concluir que Bernardo Guimarães, com seu agudo senso realista e geográfico, ao deslindar todo o contexto próprio do sertão mineiro naquele período (personagens típicos da região, as formas de tratamento e prestígio, as relações familiares e hierárquicas, os costumes regionais) e que se apresenta na narrativa *A filha do fazendeiro*, acaba por validar – ainda que sem pretensão de subestimar determinados grupos sociais, o funcionamento da comunidade sertanista mineira do século XIX, em que às mulheres cabia pouco espaço em uma sociedade patriarcal, autoritária e ditada pela lógica dos homens.

Por fim, Paulina (já bastante debilitada) vem a falecer. Antes, porém, Roberto atenta contra a própria vida ao constatar que a prima o preteria a Eduardo. A tragicidade (própria do Romantismo) manifesta-se nas passagens finais do romance na forma de uma lenda:

Contava o povo, que um triste noitibó, que todas as noites fazia seu pouso nos braços da cruz da sepultura de Roberto, saía de lá alta noite soltando guinchos lamentosos, e vinha pousar nos muros do cemitério; e que uma pomba alva como neve saía batendo as asas da sepultura de Paulina, e desaparecia nos ares.

Era, dizia o povo supersticioso, a alma de Roberto, que andava penando em busca de Paulina, que fugindo sempre dele ia se esconder no céu.

Assim o sempre infeliz Roberto, bem como durante a vida, viera também depois de morto repousar e suspirar ainda junto daquela, por quem seu coração havia suspirado em vão durante a vida inteira.

Eduardo desapareceu, e ninguém sabe ao certo o que fora feito desse mal-aventurado moço.

Correu fama de que se retirara para a Bahia e que aí tomando o burel de frade morrera pouco tempo depois em um convento. (GUIMARÃES, 1976, p.134)

A título de considerações finais, cabe ressaltar que as lendas, crenças, superstições e abusões em muito marcaram o interior do Brasil. Embora associadas, de acordo com a visão das elites, ao atraso de um país que se queria modernizar, o momento ainda era o de valorizar os elementos de um país que se firmava no cenário pré-industrial. O escritor Bernardo Guimarães não intencionou uma arte que caminhasse na contramão dos ideais e desejo de apresentar uma nação prodigiosa e livre das amarras portuguesas. Ao contrário – seu cânone reforça o ufanismo que nasce durante a estética indianista e se estende por boa parte do século XVIII. Cabe-nos, entretanto, a tomada de uma postura (e aqui ressaltamos as contribuições da crítica pós-colonialista) que possa, sempre, desconstruir o discurso eurocêntrico e patriarcal que ganha adeptos em nosso país nos séculos XVII e XVIII e se perpetua em pleno século XXI. Entender como essas construções surgem em nossas sociedades e se manifestam em diferentes

discursos, no caso deste trabalho, no discurso literário, já perfaz um importante caminho no sentido da descolonização da mente, afinal “[...] descolonizar não é simplesmente livrar-se das amarras do poder imperial, mas procurar também alternativas não repressivas ao discurso imperialista [...]” (BONNICI, 2003, p.220).

Conclusão

Ao juntarmos nossa opção pelas teorias pós-colonialistas à análise do romance *A filha do fazendeiro*, conseguimos desconstruir um discurso proveniente de uma ideologia entre sujeito e objeto criada pelos colonizadores europeus e mantida em solo brasileiro ao longo de nosso sistema colonialista. Não podemos nos esquecer que sofremos infortúnios, apagamento cultural e opressão. Fisicamente, tais ocorrências resultaram em grande número de pessoas mortas violentamente, crianças apartadas de seus pais, mulheres violentadas e todo um relato de ocorrências pungentes que marcaram nosso passado colonial.

No nível ideológico, a opressão e repressão se fizeram de forma mais sutil, porém não menos perversa. Fomos levados a crer que éramos incapazes, pagãos, amaldiçoados, subalternos, e que nossa salvação viria de instâncias a nós superiores: através da presença europeia em solo americano, que nos salvaria de nossa perdição pagã. Tal ideologia perpetuou-se durante séculos e chegou às sociedades pós-coloniais de forma a fazer com que as mulheres, por exemplo, só pudessem se integrar à sociedade se seguissem os preceitos hegemônicos, e no período pós-colonial a hegemonia era atribuída não mais aos europeus, mas à figura masculina.

Vimos, ao longo deste trabalho, como as personagens principais do romance *A filha do fazendeiro* metaforizam nosso passado colonialista, em que certos grupos sociais deveriam seguir as estruturas de dominação de forma a manterem a organicidade repressiva metropolitana. Na narrativa de Bernardo Guimarães percebemos, ainda que nas entrelinhas, os fundamentos hegemônicos do cânone metropolitano, levando-nos, assim, à comprovação de nossa hipótese inicial e que só foi possível por intermédio das teorias pós-colonialistas, afinal essas teorias “[...] deixam mais patentes as reações que a literatura proporciona diante de encontros coloniais. Embora, *mutatis mutandis*, estes ainda existam e constantemente mostrem sua influência na expressão literária, poderão ser reconhecidos, interpretados e dominados” (BONNICI, 2012, p.333, grifos do autor), cabendo à nós, críticos, acadêmicos e leitores a

constante busca de uma postura ética de forma a apontarmos e desconstruirmos o discurso da hegemonia e da subjetificação.

REFERÊNCIAS

- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003, p. 205-221.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2012.
- BRANTLINGER, Patrick. Imperial Gothic: Athavism and the Occult in the British Adventure Novel, 1880-1914. In: *Rule of Darkness. British Literature and Imperialism, 1830-1914*. London: Cornell University Press, 2013, p.176-193.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p.33-184, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/3038>. Acesso em: 10 de out. de 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1836-1880*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: FAPESP, 2006.
- CARNEIRO, Fabianna Simão Bellizzi. Imperialismo, colonialismo e narrativas góticas: pontos de confluência. *Revell: Revista de estudos literários da UEMS, edição especial, VII EIEL, 2019*, p. 267-286, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3418>. Acesso em: 10 de out. de 2019.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, s.d.
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001, p.141-188.
- GUIMARÃES, Bernardo. A filha do fazendeiro. In: *História e tradições da Província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976, p.13-135.
- IANNI, Octávio. Sociologia e literatura. In: SEGATTO, José Antonio; BALDAN, Ude (org.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 9-42.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Bernardo Guimarães*. Esboço biographico e crítico. Rio de Janeiro: Typographia do Anuario do Brasil, 1926.
- RICARDO, Cassiano. Gonçalves Dias e o indianismo. In: COUTINHO, Afrânio. (Dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. v. 3, p. 70-138.
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas. A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

Artigo recebido em setembro de 2019.

Artigo aceito em novembro de 2019.